



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 18 de junho de 2012

A CRITICA Sábado	1
OPINIÃO	
A CRITICA Verdadeira Zona Franca Verde	2
ECONOMIA	
A CRITICA Quem espera sempre cansa	3
ECONOMIA	
A CRITICA Sem mensalidade	4
ECONOMIA	
A CRITICA Tendência que veio para ficar	5
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Contexto	6
OPINIÃO	
AMAZONAS EM TEMPO Alfredo MR Lopes	7
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Reação econômica na China terá pouco impacto no país	8
PAÍS	
DIÁRIO DO AMAZONAS Thomaz Nogueira	9
OPINIÃO	
DIÁRIO DO AMAZONAS Indústria aguarda desdobramentos da crise com cautela	10
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Depois de 20 anos, Polo de Brinquedos tenta se reerguer no PIM	11
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Depois de 20 anos, Polo de Brinquedos tenta se reerguer no PIM (continuação).....	12
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Crise Mundial e o PIM.....	13
ECONOMIA	

Sábado

“As condições de trabalho no **PIM** são geradoras de doenças.”

Jorsinei Dourado, procurador do MPT-AM

Verdadeira Zona Franca Verde

Empresas do Amazonas e de outros Estados concorrem pela exclusividade de utilizar comercialmente 17 produtos e soluções tecnológicas desenvolvidas no Inpa.

JOUBERT LIMA
joubert@critica.com.br

Há décadas fala-se na necessidade de desenvolver produtos exclusivos da Amazônia como alternativa mais viável para o desenvolvimento da região, mais viável até que a própria Zona Franca, que tem prazo para o fim dos incentivos fiscais. Os primeiros passos concretos nesse sentido já começaram a ser dados. Três empresas estão pleiteando exclusividade na exploração comercial de 17 produtos e tecnologias desenvolvidas no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa).

A análise dos pedidos está sendo feita pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), ao qual o Inpa é vinculado. Quando a empresa vencedora for anunciada, o que deve ocorrer nos próximos meses, será assinado o primeiro contrato no âmbito do ministério para uso exclusivo de um pacote de soluções tecnológicas desenvolvidas no Inpa.

A Coordenadora de Extensão, Tecnologia e Inovação (Ceti/Inpa), Rosângela Bentes, explica que será um contrato diferente dos que já foram assinados com as empresas Néctar Frutos da Amazônia e Biozer, para produção de farinha de pupunha e extrato de gengibre amargo, respectivamente. Esses contratos, assinados no final do ano passado, não prevêm exclusividade.

"São duas empresas de outros Estados e uma de Manaus. Como o processo corre em sigilo, as empresas não sabem quem são suas concorrentes", comenta a coordenadora. As soluções tecnológicas em questão serão base pa-

FRASES

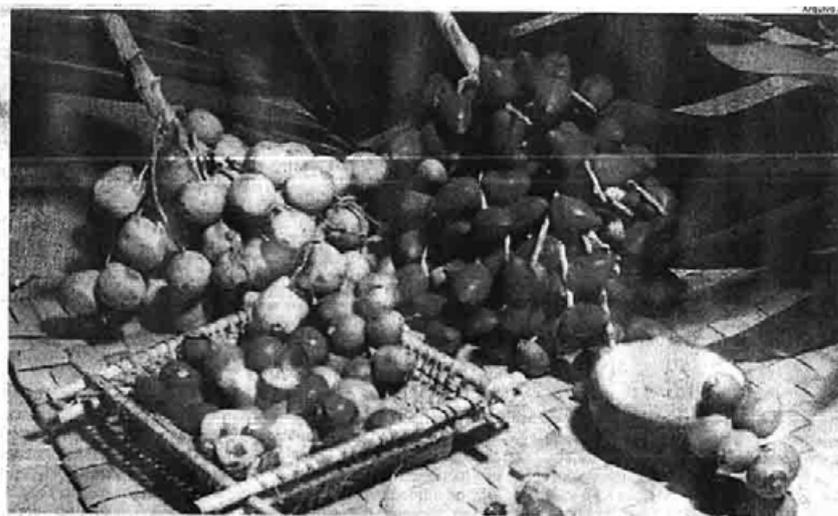
"Sendo otimista, a disputa entre as empresas se encerra neste segundo semestre"

ROSÂNGELA BENTES

Coordenadora da Ceti

Inicialmente, a produção será na sede da empresa, no Adrianópolis. Estamos adaptando a estrutura"

MÁRCIO NAVEGANTES
Da Néctar Frutos da Amazônia



Qualidades nutricionais da pupunha são objeto de estudo no Inpa. Produtos à base de farinha de pupunha já estão a caminho do mercado

ra produção de alimentos, fitoterápicos e cosméticos em escala industrial.

CONTRATOS

Os primeiros contratos de transferência tecnológica firmados entre Inpa e empresas do setor privado foram assinados em novembro de 2011. O empresário Márcio Navegantes, da Néctar Frutos da Amazônia, já concluiu os testes de mercado para a farinha de pupunha e obteve ótimos resultados. A empresa está adaptando suas instalações para iniciar a produção e comercialização do produto, o que deve ocorrer até o final deste ano ou início do próximo.

Já a Biozer da Amazônia planeja colocar no mercado um medicamento natural que atua no combate e prevenção do câncer. A zerumbona, como é chamada a substância extraída do gengibre amargo, será produzida em escala industrial no prazo de dois anos.

Atualmente, o Inpa tem 52 pedidos de patente tramitando junto ao Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). O problema é a demora na liberação: em média, mais de cinco anos.



Rosângela Bentes, do Inpa, resalta volume de pedidos depositados de patente

SAIBA MAIS



Gengibre amargo contra o câncer

Biozer da Amazônia já tem contrato assinado para colocar novo medicamento natural no mercado.



Sopa de piranha desidratada

Queda do voo 1907, da Gol, em 2006, matou o empresário que levaria a sopa ao mercado. Inpa aguarda empreendedores.



Secador ecológico de madeira

Primeira patente obtida pelo Inpa saiu em 2003, uma estufa ecológica para madeiras que utiliza o próprio calor do sol.



Sistema de sutura bioabsorvível

Inspiração na cabeça de formigas, o novo sistema de sutura dispensa o retorno ao médico para retirada de pontos.

NÚMEROS

52

PEDIDOS

Com esse número de pedidos de patentes no Inpi, Inpa se destaca no cenário nacional.

17

PRODUTOS

Número de soluções do Inpa que vem sendo disputadas por três empresas que buscam exclusividade.

Quem espera sempre cansa

Por lei, liberação de patentes por parte do Inpi deve ser de até seis anos, mas, na prática, empresas esperam até uma década. Sistema de E-patentes promete reduzir essa demora

O primeiro pedido de patente do Inpa foi feito em 1996. A carta-patente só foi liberada sete anos depois, em 2003. O prazo legal para liberação da carta é de seis anos, sendo que o tempo médio de espera no Inpi é de cinco anos e quatro meses.

Segundo a Organização Mundial de Propriedade Intelectual (Ompi), o Brasil ocupa a 47ª posição no ranking internacional de inovação. Essa péssima colocação deve-se

em parte, à demora na avaliação dos pedidos de patentes. Todos os anos, cerca de 20 mil pedidos são depositados no Inpi, mas o instituto não consegue liberar mais que quatro mil por ano.

Por que demora tanto? Perguntamos ao Inpi na semana passada. A resposta do instituto é que nosso questionamento está sendo analisado. Em Manaus, a Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi) presta assessoramento sobre propriedade inte-

lectual a partir de uma parceria com o Inpi.

A líder do Núcleo de Propriedade Intelectual e Inovação (Nupi/Ficapi), Francisca Dantas Lima, avalia que a grande demanda é um dos motivos da demora. "Além disso, como o Inpi ainda está usando o sistema em papel, isso dificulta", comenta Lima. Ela acrescenta que o presidente do Inpi, Dr. Jorge Ávila, tem divulgado o sistema eletrônico para pedido de patente, que deve acelerar bastante o tempo de

tramitação dos pedidos.

O sistema, denominado "E-patentes", já está em fase final de formatação e deverá ser implantado no segundo semestre. "Com essa ação do INPI e com um número maior de examinadores de patente, deve ser tirado esse atraso nos processos. O Inpi também está com propostas no projeto Brasil Maior, do Governo Federal, para agilização dos processos internos", diz a líder Francisca Lima. É esperar para ver.

Sem mensalidade

Imagem HD se populariza

A diversidade de marcas de TVs com tela plana no setor varejista barateou o preço dos aparelhos e agora amplia a procura por sistemas gratuitos de recepção de sinal via satélite.

PRISCILA MESQUITA
priscila@critica.com.br

A aposta da indústria de televisores nas tecnologias LCD e LED aumentou a quantidade de produtos disponíveis, reduziu os preços e tornou a compra mais acessível no varejo. Aliado a isso, o consumidor brasileiro passou a ter mais dinheiro no bolso para deixar a velha "televisão de tubo" e aderiu aos aparelhos com imagem em *high-definition* (alta definição).

Mas, como a maioria das pessoas ainda não pode contratar um serviço de TV por assinatura, vem crescendo no País a venda de antenas parabólicas, que proporcionam qualidade de imagem sem o custo de uma fatura mensal.

Essa demanda vem beneficiando as empresas que fabricam conversores digitais HD no Polo Industrial de Manaus.

FRASES

"A parabólica ainda é a melhor opção para áreas urbanas"



RENATA ROMO
Diretora de negócios da Cromus



Dois fábricas de eletroeletrônicos do Polo Industrial de Manaus produzem os receptores e conversores da Cromus, de forma terceirizada

Uma delas é a Cromus, que tem sede em Diadema (SP), mas produz os aparelhos em Manaus de forma terceirizada.

A diretora de negócios da empresa, Renata Romo, afirma que a expectativa para este ano é superar em 17% o faturamento de 2011, que também fechou "no azul", com um acréscimo de 29%. "As pessoas querem ter uma boa imagem, mas só 10% delas têm condições de pagar uma TV por assinatura. Além

disso, o sistema de TV digital terrestre, inaugurado em dezembro de 2007, chegou apenas às capitais e, em algumas delas, ainda oferece um número limitado de canais", explica.

Além da gratuidade para receber os sinais via satélite com as parabólicas, outro ponto favorável é a migração de tecnologias. "Vivemos duas migrações muito representativas. Os aparelhos, que antes recebiam só sinais analógicos, agora já po-

dem ser encontrados com sistema digital e HD", enfatiza.

No fim de 2011, a Cromus lançou uma nova linha de receptores que são, simultaneamente, analógicos e digitais. Batizada de TV Free, a família recebeu um novo "membro" em janeiro de 2012, chamado de TV Free HD (conversor para transmissão via satélite e terrestre). A linha contempla ainda o Free HD Premium, que recebe sinais analógicos e digitais em alta definição.

SAIBA MAIS



Recursos multimídia e jogos interativos

Lançado no início deste ano, o conversor TV Free HD chegou ao varejo com preço sugerido de R\$ 289 e está disponível em lojas e sites de comércio eletrônico. Além de fazer a conversão do sinal, a nova aposta da Cromus vem com recursos multimídia, jogos interativos, relógio com função sleep e ferramenta de busca. Segundo Renata Romo, em dois anos os conversores digitais HD devem responder por 40% das vendas. Atualmente, os analógicos ainda representa metade da produção mensal de 60 mil unidades. Esse volume é fabricado por duas empresas terceirizadas do Polo Industrial de Manaus (PIM).

NÚMEROS

60

MIL Receptores são produzidos por mês pelas fábricas contratadas pela Cromus.

Tendência que veio para ficar

Tendência que veio para ficar

Especialista afirma que o uso de telões para navegação e aquisição de serviços na Web será cada mais acessível.

É fato que a nova "moda" nas lojas de eletroeletrônicos é comprar TVs com tecnologia LED e "telão". Embora a demanda seja crescente, a principal tendência para o mercado de televisores é a smart TV (televisão conectada à Internet).

FRASE
"As TVs conectadas são a tendência mais forte da atualidade"

ALESSANDRA AGUIAR
Gerente de marketing

Essa é a avaliação de Alessandra Kóster Aguiar, gerente de marketing de produtos da TP Vision, empresa que resultou da joint-venture da Philips com a TPV Technology Limited na área de televisores.

A especialista afirma que a "revolução" gerada pelas smart TVs no comportamento do consumidor vem sendo estudada pela Philips nos últimos anos. "Sabemos, por exemplo, que 60% dos usuários acessam os conteúdos de Internet nas TVs mais de 50 vezes por mês. Também sabemos que a participação dos aparelhos conectados passará de 20% (2011) para algo em torno de 30% em 2012, no universo total de aparelhos vendidos no Bra-



Venda de TVs LED deve crescer 50% até 2014, segundo projeções de mercado

SAIBA +

Venda de aparelhos

De janeiro a abril de 2012, as indústrias de TVs do Polo de Manaus venderam ao mercado nacional 3,4 milhões de aparelhos com telas LED e LCD. Na comparação com 2011, a alta é de 37,6%.

sil", detalha.

Na linha de televisores de 2012, o produto "premium" da Philips é a série 7000. A "família" possui smart TV, imagem em alta definição, conversão de 2D para 3D (terceira dimensão) e tecnologia LED, que por sinal, é outra grande aposta da marca no País.

Atualmente, as telas LED já representam mais de 70% do portfólio da Philips. No fim de 2012, esse percentual será de 80%. Os 20% restantes serão formados pelos modelos com tela de LCD, que são muito procurados pelas pessoas que querem trocar sua TV com tubo de imagem.

Contexto

CRESCIMENTO

O faturamento do Polo Industrial de Manaus (PIM), entre janeiro e abril, deste ano, totalizou R\$ 21,4 bilhões contra R\$ 20,9 bilhões em igual período do ano passado, quadrimestre de 2011. O crescimento é de 2,17%, segundo a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Alfredo MR Lopes

ZFM: os indicadores da desindustrialização – Parte 2

As demissões do polo industrial de Manaus já alcançam cargos de gerência, sinalizando, numa leitura acurada das mudanças, que as decisões são mais estruturais que sazonais no planejamento e definições da Indústria local. Demitir no Brasil é sempre um mau negócio do ponto de vista do empregador, daí o mecanismo das férias coletivas, banco de horas e negociação. O cenário se tornou ainda mais sombrio, é verdade, com a intervenção do governo no câmbio, agravando o aperto na economia local, fundada fortemente na produtividade do polo industrial. À exceção de empresas brasileiras como a Val e, setor de mineração, a Embraer, aeroespacial, e discretamente as de papel e celulose e algumas de alimentos, a alta do dólar começa a espalhar seus estragos. No modelo ZFM, em especial, estruturalmente dependente de insumos cotados em moeda norte-americana, para

desassossego de quem tem dívidas com fornecedores estrangeiros. De quebra, o dano já alcançou as companhias aéreas e as empresas que produzem genéricos, os medicamentos de que depende a saúde dos mais humildes. Parece que não estamos, assim, 300% preparados.

Encolhimento da produção, redução da mão de obra empregada e revisão, para baixo, de metas de desempenho, fazem com que novas adversidades se somem a antigos gargalos estruturais. Uma concordância no discurso de empresários, trabalhadores e poder público, e inquietante unanimidade no des-caso geral de focar e enfrentar a questão. Com dólar baixo ou alto, a bem da verdade, a lição de casa não foi assumida de frente e pra valer. A bandeira da inovação tecnológica segue hasteada e só. Os Estados vizinhos, sem incentivos fiscais, dão lição de competência no avanço

da equação promissora entre potencialidade natural e prosperidade econômica. Por aqui, os custos portuários-operacionais, para citar um dos imbróglios, seguem zombando do bom senso com as taxas maiores do país, repassadas por uma estrutura precária, fechada e incompatível com qualquer pretensão de competitividade e prontidão. Se a alta do dólar virou perversidade localizada e sazonal, os estragos logísticos, energéticos e de comunicação seguem sua rotina estrutural, permanente e imanente, para regozijo de alguns e agonia geral.

Entre os projetos de priorização logístico-portuária, duas iniciativas esbarraram na estratégia competente e irreverente da proteção, orquestrada e financiada por estranhas e sabidas movimentações. Um deles, o Terminal das Lajes, foi parar no Supremo Tribunal Federal, sem data para sentenciar, para

regozijo concorrencial e desastre operacional, escrevendo a história mais estapafúrdia do boicote ao empreendedorismo, em nome da hipocrisia socioambiental e paisagística, a breçar o mais primitivo e irretocável axioma do mercado: o princípio da concorrência que descreve e dá suporte à livre iniciativa, esteio vital e central do sistema capitalista. O outro, a decantada licitação do Porto da Siderama, proposto, ao que tudo sugere, para não prosperar, acaba de ser mais uma vez abortado, por excesso de confusão, limitação geomorfológica, complicação documental e desinteresse empresarial.

Como evitar a desindustrialização de um modelo, marcado por tanta contradição, oportunismo e contravenção, onde – para ilustrar o desabafo – o desembaraço de mercadorias chega a seis meses de espera, enquanto sobram fiscais no desembaraço de cargas em todos os

terminais portuários do país. Uma disfunção operacional que permite inferir – além da fragilidade da configuração estrutural – cumplidade dos atores envolvidos, na manutenção dos transtornos e embaraços lucrativos, decorrentes de taxas extorsivas de armazenagem e retenção sistemática de produtos. Um negócio rentável e efetivo dano de uma conta que só se amplia e é paga pelos insumos da indústria, pelos produtos do comércio, alimentos e medicamentos para o consumidor, incluindo o feijão com arroz da cesta básica. Especialistas portuários estrangeiros se desca-belam para entender e atender as exigências portuárias de Manaus, um duro golpe na competitividade, e indicador inequívoco da desintegração industrial e dos costumes, que não mobiliza a classe política para o exercício de sua função no desafio da organização social. Como, por que e até quando?



Alfredo MR Lopes
Filósofo e consultor ambiental

“
Por aqui,
os custos
portuários-
operacionais
seguem zom-
bando do
bom senso” X

Reação econômica na China terá pouco impacto no país

Sinais recentes de reação econômica da China podem refletir positivamente na atividade brasileira, mas a recuperação esperada no país para o segundo semestre deste ano deve vir mesmo do juro baixo e dos estímulos ao consumo, concedidos na primeira metade deste ano. Ainda assim, os economistas acreditam que essa retomada deverá ser menos robusta do que o necessário - e pouco sustentável.

Conforme dados divulgados no domingo, as exportações da China cresceram 15,3% em maio e as importações cresceram 12,7%, números bem superiores ao de abril e às estimativas de mercado. Para o Brasil, o dado é importante, pois trata-se de um grande parceiro comercial, mas os economistas acreditam que a recuperação neste primeiro momento virá do mercado interno e não, do externo.

O economista-chefe do Sul América Investimento, Newton Rosa, avalia que maiores compras da China podem reduzir o impacto restritivo gerado pela crise europeia que enfraqueceu as importações

por parte do bloco, mas ainda não está claro a proporção do benefício ao Brasil. "Não sei se poderemos contar muito com isso", diz.

Mauro Rochlin, economista do Ibmecc, acredita que um crescimento econômico da ordem de 8,5% a 9% na China deixa o Brasil em condições mais confortáveis para cres-

pode crescer a uma taxa anualizada de 4% a 5% no segundo e terceiro trimestres. "Mas é aquele crescimento que dura pouco. Estamos amarrados à síndrome do voo da galinha", diz Rosa, que estima 1,9% para este ano.

Estímulo ao consumo

Além do juro básico em queda, o mercado acredita que o estímulo adicional ao consumo por meio de crédito mais barato e corte de IPI promovidos pelo governo terão efeitos mais fortes a partir de agora. Rochlin avalia que o dólar mais valorizado, em torno de R\$ 2, também pode impulsionar a atividade por conta do desestímulo às importações que, segundo ele, ficam 15% mais caras com a moeda nesse patamar.

Já no aumento das exportações, a apreciação da divisa deve demorar mais para ter efeito. "As relações comerciais internacionais levam mais tempo para serem formadas e para serem reestabelecidas", lembra Rochlin, ao justificar que deve demorar mais a recuperação desse lado da balança, inclusive por conta da crise internacional.

PARCEIROS

Para o Brasil, os dados de crescimento de exportações e importações na China são importantes por tratar-se de um grande parceiro comercial. Recuperação virá primeiro do mercado interno

cer 3% neste ano, variação que seria impraticável diante de uma desaceleração brusca, com expansão de 7,5%, do país asiático.

Depois de um primeiro trimestre praticamente estagnado, com expansão de 0,2% do PIB ante os três meses finais de 2011, Rosa acredita que a atividade econômica

Thomaz Nogueira



Thomaz Nogueira.
Superintendente
da Suframa
Crescer em um mundo em crise já é algo positivo”

Ao afirmar que a indústria local terá um crescimento que pode não ser o esperado pelos empresários, mas que será positivo.

Indústria aguarda desdobramentos da crise com cautela

▼ Cotação do dólar também preocupa, aponta Suframa

TEXTO Daisy Melo

FOTO Jair Araújo e Arlesson Sicsú

MANAUS

A expectativa positiva do empresariado local em relação ao segundo semestre é classificada como “otimismo cauteloso” pelo superintendente da Zona Franca de Manaus, Thomaz Nogueira. O termo é reflexo de certa segurança na conquista de índices positivos em 2012 - apesar de mínimos - que pode ser atingida por variações externas. Os desdobramentos da crise econômica na Grécia e na Espanha e a cotação do dólar são os fatores dos quais depende o fechamento no ‘azul’ do Polo Industrial de Manaus (PIM).

“O que me preocupa é saber como Grécia e Espanha vão resolver a crise deles, que tem pouca possibilidade de contágio imediato, mas tem uma taxa de preocupação relativa à contaminação na confiabilidade do consumo e dos investimentos”, afirmou. Segundo ele, esse é o problema mais preocupante. “Não é uma crise de verdade, é uma

questão de confiança, se o consumidor não confia, se ele acha que vai perder o emprego, ele puxa o ‘freio’ do consumo, se acautela”, explicou.

De acordo com Thomaz Nogueira, as empresas continuam com uma visão positiva sobre os índices de crescimento, mas que foi reprogramada devido às turbulências econômicas desse ano. “Os empresários sabem que vão crescer, mas eles gostariam de uma taxa mais forte, mas crescer em um mundo em crise já é algo positivo, com quem eu tenho falado não tem dúvida do crescimento, mas sim do índice”, disse.

Além da crise europeia, a cotação da moeda norte-americana é outro fator macroeconômico que deve ser considerado na prospecção de resultados futuros do PIM.

Desafios

Mesmo com as medidas tributárias anunciadas para beneficiar os setores de motos, aparelhos de ar-condicionado e micro-ondas, a demora para vigência dessas mudanças e a dificuldade de financiamento

de motocicletas, por exemplo, ainda precisam ser superadas. “A partir do momento que o acesso ao financiamento fica mais difícil, isso impacta o segmento de motos. E essa é uma questão que não tem a ver com Zona Franca, pois temos capacidade de produção e demanda”. A solução já está sendo discutida com o governo federal.

FRASE



Thomaz Nogueira.
Superintendente
da Suframa

O dólar superior a R\$ 2 ajuda na competitividade do produto nacional e no insumo importado”

Ao dizer que a crise mundial é grave.

Depois de 20 anos, Polo de Brinquedos tenta se reerguer no PIM

▶ Em 2011, setor registrou expansão de 150% e para este ano empresas do segmento planejam investir no Estado

TEXTO Henrique Saunier

FOTO Arlesson Sicsú

MANAUS

A indústria de brinquedos, que já teve seus anos de ouro no Polo Industrial de Manaus (PIM), mas sucumbiu devido à concorrência com os importados chineses, quer tomar o seu antigo posto de volta. Ainda que com um faturamento considerado tímido para os padrões da Zona Franca de Manaus, esse sub-setor conseguiu ampliar seus ganhos em cerca de 150% em 2011,

frente ao ano anterior.

De acordo com a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), o crescimento registrado entre os anos de 2010 e 2011 no segmento de brinquedos representa o início da produção do telejogo Xbox 360 no Estado. “Por se tratar de um produto com valor elevado em relação a brinquedos comumente produzidos no PIM, o Xbox 360, um dos consoles mais avançados do mercado internacional, colaborou para o avanço do segmento desde que teve sua produção autorizada pelo Conselho de Admi-

nistração da Suframa (CAS)”, comentou a autarquia.

Outro fator que pode explicar a breve recuperação é o ingresso da Bangtoys do Brasil, que, segundo a Suframa, iniciou suas atividades produtivas em setembro do ano passado, com a fabricação de brinquedos injetados de plástico e brinquedos de tecido com enchimento.

A entrada dessas novas operações surtiu efeito no setor, que deu um salto no seu faturamento de US\$ 53,6 milhões em 2010, para US\$ 134,8 milhões em 2011. Este último valor cor-

Depois de 20 anos, Polo de Brinquedos tenta se reerguer no PIM (continuação)

OS NÚMEROS

6,2

milhões de dólares é aporte estimado da 'Astro Toys Comercial de Brinquedos' que possui um projeto em implantação para entrar no ramo de brinquedos no PIM.

responde a 0,33% do volume total do PIM no mesmo período, que ficou em US\$ 41 bilhões. Os quatro últimos meses do ano passado concentraram 70% do faturamento de todo o setor.

No cadastro de empresas com projetos industriais aprovados pela autarquia, atualizado em janeiro de 2012, apenas uma, a 'Bangtoys', aparece na lista de companhias inseridas no subsetor de brinquedos, mas isso acontece porque outras companhias que manufaturam o item geralmente têm outra atividade principal e acabam classificadas no setor de eletroeletrônicos, como é o caso da Masa da Amazônia, que fabrica o Xbox.

SEM INVESTIMENTOS

Segmento enfrentou quatro anos de 'jejum' no Estado

Apesar da recuperação no setor em 2011, este segmento ficou quatro anos em 'jejum' de investimentos por parte das empresas em Manaus, quebrado no ano passado com aporte de US\$ 58 mil. Pelos registros dos indicadores de desempenho da Suframa, nos anos de 2007, 2008, 2009 e 2010 nenhum centavo foi aportado no ramo.

Outra informação do relatório mensal aponta que 'bens de informática do polo de brinquedos' tiveram um faturamento negativo em 100%, sem nenhum registro nos dados da autarquia. Em 2008, esses produtos chegaram a representar um montante de US\$ 9,8 bilhões, mas o valor foi caindo gradativamente até chegar a zero.

Além da falta de investimentos, o setor carece também de informações das entidades representativas da indústria. O presidente do Centro da Indústria do Estado do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, por exemplo, afirmou que hoje existem duas empresas fabricando 'telejogos' (videogames), mas mostrou dúvida na classificação desses produtos, se

eles são considerados brinquedos ou eletroeletrônicos.

Os dados mais recentes da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq) são de 2009 e mostram o Amazonas como detentor de 1,3% do mercado nacional de vendas, incluindo o varejo. Já em termos de faturamento a associação afirma que em 2010, o faturamento do setor ficou em R\$ 3 bilhões em todo o Brasil.

Varejistas compram fora

A produção de brinquedos pode estar com um novo gás, mas o setor varejista ainda compra os estoques fora do Estado.

A gerente da Carrossel Brinquedos, Mirian Maia, afirmou que, por ter que importar a maioria dos produtos, as lojas se programam com muita antecedência. "Nós participamos de uma feira importante em abril e nesse evento já programamos nossos pedidos para o Dia das Crianças e o Natal. Até os brinquedos produzidos aqui, primeiro vão para São Paulo e só então voltam para cá", disse.

Crise Mundial e o PIM



Marcelo Lima

Seu comentário

marcelofilho@uol.com.br

Crise mundial e o PIM

A crise que assola o até então melhor modelo de integração de que se tem notícia, a União Europeia, teve no pedido de socorro feito pela Espanha - em vista da necessidade de resgatar seus bancos-, o seu mais novo fato. Ademais, a depender do resultado das eleições parlamentares da Grécia, que acontecem hoje, este País poderá deixar o Euro, ampliando as incertezas sobre o futuro do bloco. A pressão recai portanto sobre a Alemanha, a mais austera economia do planeta e fiel da balança na estratégia econômica comunitária. Apregoam os estudiosos, que sobrecarregá-la significaria pôr em xeque toda a Europa.

Do lado de cá do Atlântico, há um crescente entendimento em torno do qual o Brasil está a perder o bonde do desenvolvimento, em virtude da letargia em promover as reformas estruturais (portos, aeroportos, ferrovias, hidrovias, sistema tributário descente, redução da burocracia e do custo laboral, melhoria na educação, segurança energética, etc.) indispensáveis à competitividade. Por conta disso, as análises mais otimistas projetam

Definitivamente, a solução para a falta de crescimento não é turbinar o consumo.

crescimento de, no máximo, 2,7% em 2012. Frustrante, sem dúvida. É pra atenuar o desapontamento com desempenho tão modesto que o governo tem recorrido a medidas pouco ortodoxas, sob o ponto de vista econômico: a manipulação das deliberações da autoridade monetária, a pressão sobre os bancos para a redução dos juros e ampliação do crédito. Ainda, convocar governadores para que promovam redução nas alíquotas de ICMS sobre energia elétrica compensando-a com linhas de crédito adicionais também soa estranho. Medidas imediatistas e temerárias no longo prazo. Há que se estimular a poupança. Definitivamente, a solução para a falta de crescimento não é turbinar o consumo.

No contexto local, foi necessária regulação tributária por parte do governo federal de sorte a proteger a manufatura nacional de Splits, cuja produção foi 56% menor em relação ao primeiro quadrimestre de 2011, e de motocicletas, com 7% de redução em relação ao mesmo período. Após perdas seguidas, a Nokia, um dos mais importantes atores do PIM, planeja cortar um em cada cinco postos de trabalho em sua divisão global de celulares. Por fim, a implantação da operação em Manaus, da quarta mais valiosa marca de bebidas do mundo e líder no segmento de bebidas funcionais está sobrestada por pelo menos 24 meses, em função da crise europeia. Pé no freio. Com base nestes fatos foi mais do que oportuna a prospecção recentemente feita pela Suframa junto a investidores japoneses e sul-coreanos, que, apesar dos pesares, podem considerar o Brasil um razoável destino para o seu capital e uma boa alternativa à Europa.